

Leituras



# ***Artistas plásticas em Portugal***

Leandro, S. (Coord.). (2020)

Manufatura (376 pp.)

MARIA DO CÉU BORRÊCHO\*

---

Este belíssimo volume dedicado às mulheres artistas em Portugal é o resultado de uma investigação coordenada por Sandra Leandro, historiadora de arte, professora na Universidade de Évora e investigadora da equipa Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher, que assina a introdução, o primeiro ensaio e a antologia bibliográfica final. No texto introdutório, que dedica àquelas que considera “audazes”, enuncia a

intenção de associar olhares que vejam mais de perto as artistas que dão forma às ideias e de reunir visões transdisciplinares que contemplem as suas obras, já que nestes objetos de irradiação visual e semântica e de realizações ontológicas se refletem conquistas artísticas, culturais, sociais, políticas e económicas, além de novos modos de ver o mundo. Sandra Leandro estabelece como objetivos expandir o

.....

DOI: <https://doi.org/10.34619/emdi-44gv>

\* ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9388-093X>

CIÊNCIA ID: 2913-3F73-32D5

Investigadora

Universidade NOVA de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA), Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher, CHAM - Centro de Humanidades (NOVA FCSH), 1069-061 Lisboa, Portugal

[mcborrecho@gmail.com](mailto:mcborrecho@gmail.com)

conhecimento, estimular a ver e a conceber, alargar os limites da História da Arte e desfazer equívocos no domínio dos estudos sobre as mulheres artistas em Portugal, uma vez que, num tempo marcado pela popularidade e pelo consumo rápido dos meios digitais, um livro, ao invés, “garante inteiramente a permanência do conhecimento útil” (Leandro, 2020, p. 9). Apresentada por doze investigadores/as, a análise incide sobre a atividade de outras tantas artistas: Maria Augusta Bordalo Pinheiro, Ana Hatherly, Lourdes Castro, Helena Almeida, Ana Vieira, Maria Beatriz, Maria José Oliveira, Ana Jotta, Graça Pereira Coutinho, Luísa Cunha, Gabriela Albergaria e Cristina Mateus.

Haverá artistas ou mulheres artistas? Ana Hatherly recusa ser catalogada como mulher artista, porque as mulheres não representam uma cultura separada. É praticamente indiferente que as obras tenham sido criadas por homens ou por mulheres porque a criatividade ultrapassa a dimensão normal do humano e o criador não tem sexo. No entanto, a personalidade feminina tem especificidades, como a força e a audácia, patentes nas criações das mulheres, quer na literatura quer na arte, o que as individualiza e as liberta das limitações impostas pelo seu sexo.

Anne Higonnet (1995) refere que, a partir do século XIX, “as artes forneceram às mulheres um meio relativamente seguro de procurar ou afirmar proeminência social, liderança económica e força política e cívica” (p. 420). Nesta linha de pensamento, na análise às diferentes produções artísticas, aqui mencionadas, encontramos também uma busca permanente de liberdade e de autonomia profissional, conquistadas muitas vezes com “passos miudinhos”. Signo de liberdade é o desejo de experimentação: “o criador tem de ser sempre um experienciador” (Teixeira, 2020, p. 71). A prática de um experimentalismo foi central para o Grupo de Poesia Experimental, um movimento de vanguarda ao qual Hatherly aderiu nos anos 1960, anos identicamente marcados por uma vontade de construir e desconstruir, de questionar e problematizar.

Além dessa vontade ‘experienciadora’, Hatherly defende ainda que “o processo criativo assenta num conjunto de memória e reinvenção” (citada em Teixeira, 2020, p. 71). Nesse processo se espelham as reminiscências da infância, marcada pela preponderância de figuras tutelares femininas. Ademais, as memórias e o desejo de experimentação são associados ao nosso passado cultural, nomeadamente ao maneirismo

e ao barroco, movimentos artísticos que tanto cativaram e influenciaram a obra da criadora da primeira experiência de Poesia Concreta.

Num desejo de “voltarmo-nos para dentro, para a memória, para o que sabemos”, recupera-se o uso de artes antes consideradas “domésticas e feminis”. Assim, Maria Augusta Bordalo Pinheiro interessa-se pelas rendas de bilros, desenvolvendo uma “indústria doméstica”, ao mesmo tempo que dirige, em Peniche, a Escola de Desenho Industrial Rainha D. Maria Pia. Por outro lado, na obra de Maria José Oliveira, descobrimos uma articulação entre as artes domésticas ou artesanais e a ciência. Numa “instalação” da sua autoria, coloca um *naperon* de renda com a seguinte legenda: *a organização da sociedade de C. G. Jung*.

Em muitas das artistas analisadas, notamos um desencontro com o país, resultante da percepção das suas limitações, sociais, políticas e culturais. A pouca atratividade do ensino académico origina um autodidatismo (exemplos de Cristina Mateus ou Maria José Oliveira). Esse desencontro conduz a uma itinerância na Europa ou na América – casos de Maria Beatriz, Lourdes Castro, Ana Jotta e Graça Pereira Coutinho –, o que lhes permite completar e variar as aprendizagens e os experimentalismos. Estes

trajetos revelam ainda uma permanente rebeldia e a busca de modernidade, que se refletem nas novas técnicas (audazes?), vislumbradas, por exemplo, nos trabalhos de Cristina Mateus. O valor do risco, percecionado e assumido por todas, é consentâneo com essa rebeldia, caracterizando as vivências e as produções artísticas, através do uso de novos materiais e pela abordagem de novos temas ou novas disciplinas. Aquele nomadismo permitiu a muitas vivenciar, ter a experiência do lugar, contemplar os elementos da natureza, explorar as percepções e sensações que ela pode traduzir, já que a Terra é o meio onde tudo acontece, é um “campo de acontecimentos”, patente, por exemplo, nas “instalações” de Gabriela Albergaria. Enquanto ressonância das ideias dos filósofos setecentistas, esse retorno à natureza converte a “paisagem natural numa paisagem cultural” e reflete um encontro e confronto com o mundo habitado (Nunes, 2020, pp. 304-305).

A fechar, e com o intuito de ‘desocultar’ a criação feminina, Sandra Leandro apresenta uma antologia bibliográfica onde propõe a leitura de variados estudos, editados desde 2000, sobre mulheres artistas portuguesas do século XXI, prosseguindo o valioso levantamento iniciado em anteriores investigações já publicadas (Leandro et al., 2013; 2016).

## REFERÊNCIAS

- Higonnet, A. (1995). Mulheres, imagens e representações. In F. Thébaud (Dir.), *História das mulheres no Ocidente: O século XX* (vol. 5, pp. 399-429). Círculo de Leitores.
- Leandro, S., & Silva, R. H. (Coord). (2013). *Mulheres pintoras em Portugal: De Josefa d'Óbidos a Paula Rego*. Esfera do Caos.
- Leandro, S., & Silva, R. H. (Coord). (2016). *Mulheres escultoras em Portugal*. Caleidoscópio.
- Leandro, S. (2020). Introdução: às audazes. In S. Leandro (Coord.), *Artistas plásticas em Portugal* (pp. 7-15). Manufactura.
- Leandro, S. (2020). Maria Augusta Bordalo Pinheiro: “A fada do passo miudinho”. In S. Leandro (Coord.), *Artistas plásticas em Portugal* (pp. 17-61). Manufactura.
- Nunes, P. S. (2020). Gabriela Albergaria: Sob o signo da naturalness of the artificial. In S. Leandro (Coord.), *Artistas plásticas em Portugal* (pp. 293-325). Manufactura.
- Teixeira, M. R. (2020). Ana Hatherly: Arquitecto do não útil. In S. Leandro (Coord.), *Artistas plásticas em Portugal* (pp. 63-91).

Aceite para publicação/ Accepted for publication: 23/08/2021